



As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos

Roberta Silveira Pamplona¹ 

Betina Warmling Barros¹¹ 

Introdução

Os estudos descritos como de gênero frequentemente produzem análises que consideram apenas a construção e a posição dos femininos na sociedade, esquecendo-se de que o gênero é relacional, sendo indispensável um olhar atento às masculinidades (CONNELL, 1995; VIGOYA, 2018). Da mesma forma, em meio aos inúmeros debates acadêmicos e políticos sobre o papel dos homens na luta pela igualdade de gênero, desdobram-se discussões sobre as formas de atuação masculina. Nesse sentido, impõe-se questionar de que forma as masculinidades são compreendidas como objetos de estudo.

Por qual razão uma teórica feminista deveria dirigir sua produção para os estudos das masculinidades? É com esse questionamento que Mara Viveros Vigoya (2018) inicia sua mais recente obra, *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Na obra, a autora busca reafirmar a importância de desenvolver compreensões a respeito das masculinidades sob o viés da interseccionalidade, localizando os homens a partir dos marcadores sociais que os constituem e, a partir disso, propondo fa-

lar sobre eles “com uma voz feminista que os desafia, mas sem diminuí-los” (VIGOYA, 2018, p. 21).

A autora segue uma orientação teórica que se contrapõe aos chamados *men's studies*, assumindo um modelo contestador do esquema rígido dos papéis de gênero e propondo a absorção da noção de masculinidade hegemônica, de autoria de R. W. Connell (1995), para quem o “gênero é uma forma em que a prática social é ordenada” e as masculinidades são “configurações de práticas” (CONNELL, 1995, p. 71). Com o intuito de sistematizar os estudos da América Latina realizados a partir da década de 1980, nos quais são incorporadas as contribuições do feminismo, com especial atenção para a chamada “crise da masculinidade”, Vigoya (2018, p. 67) sugere uma divisão dos principais temas encontrados na sua revisão bibliográfica, sendo eles:

- identidades masculinas;
- masculinidades e violência;
- saúde dos homens;
- afetos e sexualidades;
- reflexões epistemológicas;
- representações e produções culturais;
- espaços de homossexualidade masculina.

¹Universidade de Toronto – Toronto (ON), Canadá. E-mail: roberta.pamplona@mail.utoronto.ca

¹¹Universidade de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil. E-mail: betinabarros@usp.br

Recebido em: 20/03/2020. Aprovado em: 05/11/2020

Assim, na tentativa de tentar compreender qual a perspectiva teórico-metodológica adotada pelo campo da sociologia no que tange aos estudos das masculinidades, o presente trabalho buscou adaptar a revisão de literatura realizada por Vigoya (2018) em relação ao conjunto de trabalhos da América Latina para o contexto brasileiro de produção acadêmica. Como hipótese, entendemos que as temáticas abordadas pelas pesquisas brasileiras em relação ao tema das masculinidades seguem padrão muito próximo daquele apresentado pelo estudo de Vigoya (2018), em que a grande maioria dos trabalhos volta-se à compreensão das identidades masculinas, bem como às relações entre masculinidade e violência. A segunda hipótese que guia a pesquisa diz respeito aos *tipos de masculinidades* que são abordadas nos estudos brasileiros, os quais acreditamos serem, na maior parte, tipos sociais vulneráveis ou “masculinidades marginalizadas”, conforme nomeia Connell (1995, p. 81). Por fim, a terceira hipótese é que os trabalhos carecem de conceitos e de categorias analíticas sobre as masculinidades, o que resulta na utilização de categorias indutivas, oriundas da própria análise.

Para proceder a essa análise, optamos por realizar um balanço bibliográfico dos artigos da produção sociológica sobre o tema. Evidente que o recorte da presente pesquisa privilegia um certo tipo de produção bibliográfica, na medida em que apenas foram analisadas as investigações publicadas em formato de artigo científico em revistas com indexação por meio da plataforma *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). A produção acadêmica brasileira é evidentemente mais ampla do que este recorte, na medida em que diversos trabalhos são difundidos por intermédio de outras plataformas, como o Banco de Teses da CAPES, por exemplo.

A opção metodológica pela análise de artigos científicos se deu em razão de que a análise qualitativa de trabalhos mais extensos tornaria inviável a análise qualitativa das produções que estamos propondo. Ademais, acreditamos que a importância dos artigos para a medição da produção acadêmica possibilita sustentar esse tipo de *corpus* como objeto de análise de pesquisas que busquem mapear o “estado da arte” de campos específicos da sociologia (cf. LOURENÇO; ALVAREZ, 2017). É possível, portanto, que uma pesquisa fundamentada na análise das dissertações e teses brasileiras sobre masculinidades encontre resultados distintos dos que estamos apontando no presente trabalho, o que, inclusive, poderia ser um indicativo interessante de como a produção sociológica brasileira se manifesta nas distintas formas de difusão de conhecimento.

A primeira seção de artigo reflete sobre as masculinidades como objeto de estudo na agenda de pesquisa das ciências sociais brasileiras. Em seguida, a metodologia empregada é explicada, apontando como ocorreu a busca dos trabalhos, a sistematização deles e as limitações da análise proposta. Por fim, a análise está dividida em dois momentos:

- o primeiro com dados e análises mais amplas, em relação ao conjunto de trabalhos das ciências humanas;
- o segundo analisando as obras do campo da sociologia. As considerações finais apresentam os resultados da análise e algumas propostas de contribuições para o futuro dos estudos de gênero no Brasil.

Masculinidades na agenda de pesquisa das ciências sociais brasileiras

O desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil tem clara articulação com o

feminismo dos anos 1970, incluindo uma consequente vinculação entre militantes e pesquisadoras (CORRÊA, 2001). A partir da década de 1980, constatou-se a gradativa substituição do termo mulher pelo termo gênero, tomado como uma categoria analítica. Tal mudança enfatizou os aspectos relacionais e culturais da construção do masculino e feminino. Com isso, os homens passaram a ser incluídos como uma categoria empírica a ser investigada nesses estudos (HEILBORN; SORJ, 1999).

A principal vantagem das análises que enfatizam a dimensão relacional do conceito de gênero é a compreensão de uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino, e não apenas entre homens e mulheres, mas *nos* homens e *nas* mulheres (MEDRADO; LYRA, 2008). Assim, a perspectiva relacional permite, primeiro, reconhecer os homens como uma categoria empírica a ser analisada e, segundo, compreender o gênero de forma intracategorial e em interação com outros marcadores sociais, como classe e raça (MCDOWELL, 2003, p. 12).

Considerando-se isso, é possível identificar a produção de estudos nas ciências sociais sobre masculinidades e suas interações. As principais reflexões dos estudos das masculinidades estão embasadas nos estudos sobre a organização social das masculinidades em perspectivas locais e globais, na própria forma com que os homens entendem e buscam expressar uma identidade masculina, bem como nas interações sociais masculinas nas relações de gênero (KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2004). A expansão do movimento homossexual também impulsionou essas análises, permitindo a constituição de um campo mais estruturado por volta dos anos 1990. No Brasil, Heilborn e Carrara (1998) apontaram estudos focados nas ex-

periências masculinas com a sexualidade e a perspectiva dos homens como elemento central nos primeiros trabalhos do campo. Esses estudos também impulsionaram ações de organizações civis com os homens, buscando gerar reflexões sobre as práticas de gênero deles (ADRIÃO, 2005).

Para além das pesquisas inscritas no campo de estudos de gênero, a própria categoria de masculinidades passou a ser utilizada em outras áreas das ciências sociais. Na área da violência, por exemplo, o tráfico de drogas ilícitas passou a ser analisado pela construção de uma masculinidade pautada em valores tradicionais, percebido como um espaço que permite ao jovem ser o agente provedor economicamente e no qual pode exercer a sua força física. No contexto do conflito armado, “com muito dinheiro no bolso”, o jovem desenvolveria um estilo de masculinidade “exibicionista” (ZALUAR, 2009b, p. 188).

Zaluar (1994) inaugurou a inserção das masculinidades nos estudos da violência, mas não foi a única. A literatura brasileira sobre essa temática, contudo, não costuma isolar as questões de gênero e geração: no tráfico de drogas, na grande parte dos casos, quando se está falando de sujeitos homens, é sobre jovens que se fala. Os processos de constituição do homem jovem são, portanto, tratados de modo concomitante. É o caso de Lyra (2013, p. 91), que identifica em adolescentes do tráfico de drogas a ideia de um “sujeito-homem” constituído pelas ideias de respeito, independência e aceitação do jovem que desempenha papéis adultos na comunidade em que vive.

No contexto específico das periferias brasileiras, conforme aponta Pimenta (2014, p. 709), as barreiras estruturais postas a esses sujeitos não impedem que eles mobilizem suas redes de sociabilidade no sentido

da conquista de objetivos e da realização de suas aspirações pessoais, nem que isso signifique o envolvimento em atividades ilícitas. Assim, suas expectativas pessoais são viáveis por meio da mobilização de suas redes de sociabilidade e da renegociação de novas identidades sociais, caracterizadas, sobretudo, na afirmação da masculinidade a partir do uso da violência (PIMENTA, 2014, p. 714).

Buscando produzir uma análise que contrapõe três tipos de masculinidades, Fátima Cecchetto (2004, p. 209) realiza pesquisa com jovens do *funk*, com “charmeiros” e com lutadores de jiu-jitsu, identificando, a partir da sociologia das configurações de Elias, os processos de violência de longa duração. A autora constata as diferentes maneiras de manifestação das masculinidades dos jovens: o estilo suave do charmeiro parece uma forma encontrada pelos homens negros de se contrapor às representações simbólicas de força e vigor vinculadas ao corpo negro, enquanto a luta do jiu-jitsu demonstra uma dinâmica de compensação por meio da força em relação aos atributos depreciadores do *status* social das classes média e alta em relação à figura idealizada da masculinidade (CECCHETTO, 2004, p. 218).

Esses estudos recentes revelam como as masculinidades foram sendo constituídas como objetos de pesquisa na área da sociologia para além dos estudos inscritos no campo de gênero da sociologia. Entretanto, o que pretendemos investigar aqui, por meio do balanço bibliográfico, é o conjunto de produções recentes sobre masculinidades nas suas mais diversas manifestações. Sobre isso, conforme propõe Joan Scott (2012), ao tratar dos usos e abusos do conceito de gênero, há duas questões essenciais: que as palavras têm histórias e múltiplos usos e que gênero ainda se mantém um conceito útil para análises. Assim, gênero se torna não um

guia para categorias estatísticas de identidade sexual, mas para a interação dinâmica da imaginação, regulação e transgressão nas sociedades e culturas que estudamos. É nesse sentido que está guiada a presente análise.

Os estudos no Brasil: metodologia empregada

A revisão da produção bibliográfica foi realizada exclusivamente no site de buscas SciELO (<http://scielo.org>) a partir do termo de buscas “masculinidade”, utilizando-se inicialmente os filtros “ciências humanas” (para o item áreas temáticas), “artigos” (para o tipo de publicação) e “português” (para o item idioma). A busca foi realizada no dia 2 de março de 2020. Portanto, há uma primeira limitação temporal que se restringiu aos artigos publicados até essa data. Essa busca resultou em um total de 165 artigos, sendo que desses 25 estavam categorizados pela própria plataforma de busca como sendo da área de sociologia. A opção por realizar a análise somente de artigos produzidos sobre a temática, e não de teses ou dissertações, ocorreu por dois motivos: pela importância e circulação dos artigos na produção científica atual; e pela possibilidade de realizar uma análise qualitativa de qualidade, visto que os artigos são significativamente mais sintéticos que outras formas de produção. Assim, a primeira análise constituiu na sistematização do total de artigos a partir de cinco categorias: título, revista em que foi publicado, ano da publicação, área do conhecimento e divisão segundo as categorias propostas por Vigoya (2018).

Tais informações foram dispostas em uma tabela com o auxílio do programa Windows Excel®. Os 165 artigos foram dispostos nas linhas da tabela e as categorias acima descritas ficaram no campo das colunas. Se em

relação às três primeiras categorias as informações foram apenas transpostas dos artigos para a tabela, em relação às duas últimas as informações não estavam determinadas pela plataforma e foram construídas por nós. Na categoria “área de conhecimento”, optamos por utilizar a divisão operada pelo SciELO apenas em relação aos artigos da área sociologia. Em relação aos demais, a atribuição da área de conhecimento se deu a partir da análise da temática da revista e da leitura do resumo do artigo.

A última categoria se baseou na subdivisão de temas que Vigoya (2018) apresentou em sua pesquisa, quais sejam:

- identidades masculinas;
- masculinidades e violência;
- saúde dos homens;
- afetos e sexualidades;
- reflexões epistemológicas;
- representações e produções culturais;
- espaços de homossexualidade masculina.

A alocação dos artigos em tais temáticas foi realizada a partir da leitura dos resumos e, quando se julgou necessário, de partes do trabalho completo. Por fim, importa referir que cinco artigos foram excluídos dessa primeira análise, na medida em que a leitura do resumo permitiu verificar que a temática da masculinidade era apenas superficial ou pouco abordada no trabalho. Assim, chegou-se a um total de 160 trabalhos que compuseram a análise sistemática geral da revisão bibliográfica.

Na segunda etapa da pesquisa, procedemos a uma análise qualitativa do conteúdo das pesquisas de modo que fosse possível adentrar na pergunta que guia a realização do presente trabalho, isto é: qual a perspectiva teórico-metodológica adotada pelo campo da sociologia no que tange aos estu-

dos das masculinidades? Para responder tal questionamento, os 25 artigos da área de conhecimento “sociologia” serviram de base à análise, a partir da utilização do programa informacional CAQDAS (*Computer Aided Qualitative Data Analysis Software*) NVivo 12. Tal programa permite a codificação de determinados trechos dos artigos científicos a partir de categorias (ou “nós”, como denominado pelo programa). Esse processo “implica a criação de códigos, ou categorias, nas quais são armazenados índices de referência (indexadores) às porções do material empírico utilizado na análise” (TEIXEIRA, 2009, p. 28-29). No caso da presente pesquisa, os nós foram definidos *a priori*, sendo eles:

- conceito de masculinidade;
- tipos de masculinidade;
- referências bibliográficas.

A análise do conteúdo dos artigos selecionados na revisão se concentrou em abordar quais seriam: os conceitos de masculinidade utilizados pelos autores (sejam eles conceitos estritamente teóricos ou induzidos da prática empírica); os tipos de masculinidade abordados em suas pesquisas, o que se deduziu a partir dos locais de realização do campo e dos grupos de sujeitos pesquisados; e, por fim, as principais referências bibliográficas utilizadas para fundamentar suas análises no que diz respeito ao tema das masculinidades.

O desenho desta pesquisa, por realizar a análise de conteúdo com categorias já estabelecidas (BARDIN, 2010), apresenta como limitação que outros indicadores convergentes ou nuances interessantes entre os artigos não tenham sido analisados. Entretanto, considerando-se a pergunta que este artigo se propõe a responder, optou-se por utilizar as categorias já citadas. Da mesma forma, o uso dessas categorias permite uma compara-

ção entre os achados da pesquisa de Vigoya (2018) sobre a América Latina e os dados exclusivos do Brasil. Os resultados encontrados nas etapas propostas da presente pesquisa serão abordados nos próximos itens.

Resultados e discussão

Análise quantitativa

Nesta primeira parte da discussão dos resultados, serão abordadas as quatro categorias escolhidas para a análise sistemática geral da revisão bibliográfica realizada, referente ao conjunto total de 160 artigos. A relevância de mapear os eixos, as áreas e a temporalidade das produções sobre masculinidades funda-se na iminente necessidade de se repensar como cronologicamente essas se colocaram como objetos de estudo e em quais áreas no Brasil. Ademais, as informações aqui analisadas também permitem que os próprios pesquisadores da área encontrem lacunas sobre o tema, a fim de propor agendas de pesquisa em seus campos de estudo.

Área de conhecimento

A primeira subdivisão escolhida diz respeito à área de conhecimento a que pertence cada produção. As principais perspectivas epistemológicas adotadas para os estudos das masculinidades na América Latina têm se fundado na antropologia, sociologia, psicologia social e, a partir dos anos 1990, na saúde coletiva (VIGOYA, 2018, p. 61). Não apenas as áreas mas também as formas de abordagem a essa temática passaram por transformações nas últimas décadas, de

modo que diferentes perspectivas teóricas foram experimentadas. Vigoya (2018, p. 63) cita três delas: as perspectivas da interseccionalidade, decolonial e feminista comunitária. De qualquer forma, entende-se que nos últimos vinte e cinco anos se configurou na América Latina um objeto de estudo claro, além de núcleos temáticos e uma importante acumulação de conhecimento sobre homens e masculinidade (GOMÁRIZ, 1997, p. 9 *apud* VIGOYA, 2018, p. 64).

Assim, esperava-se que a produção bibliográfica brasileira acompanhasse o padrão experimentado pela América Latina, sobretudo no que se refere às áreas de conhecimento dos estudos, embora fosse importante observar no levantamento quais disciplinas efetivamente se destacavam e sob qual proporção a divisão da produção geral estava estabelecida no caso do Brasil. Os resultados que obtivemos confirmaram a proeminência absoluta dos estudos na saúde pública (34,4%)¹, o que parece indicar relevância das pesquisas que abordam questões relacionadas à saúde dos homens, conforme será abordado no tópico seguinte.

A segunda e terceira maiores fatias das produções correspondem às áreas da antropologia e sociologia, representando, respectivamente, 16,3 e 15% do total de artigos analisados. Nesse sentido, mesmo se fôssemos reunir tais estudos sob a nomenclatura “ciências sociais”, ainda assim o conjunto não seria considerado o mais importante numericamente.

Logo em seguida, observa-se a psicologia, área temática de 14,4% dos trabalhos. De modo geral, podemos afirmar que é sobretudo sob os paradigmas epistemológicos

1 Segundo um levantamento de 2008, o Brasil ocupou a 3ª posição na Classificação Mundial de Produção Científica nas ciências da saúde, superado apenas por Inglaterra e Estados Unidos (MENEHINI, 2010).

da saúde coletiva, das ciências sociais e da psicologia que os homens e as masculinidades são estudados no Brasil. Por fim, ainda foi observada certa expressão de estudos nas temáticas da educação (9,4%) e literatura/linguística (3,8%). Na categoria “outros” estão incluídos trabalhos das mais diversas disciplinas, como relações internacionais e comunicação (Gráfico 1).

Divisão produzida por Vigoya (2018)

Conforme já explicitado, uma das categorias que propomos para a análise do conjunto de artigos acompanha a divisão realizada por Vigoya (2018, p. 67) a respeito da produção bibliográfica da América Latina. Na revisão realizada pela autora, as temáticas abordadas estão da seguinte forma distribuídas:

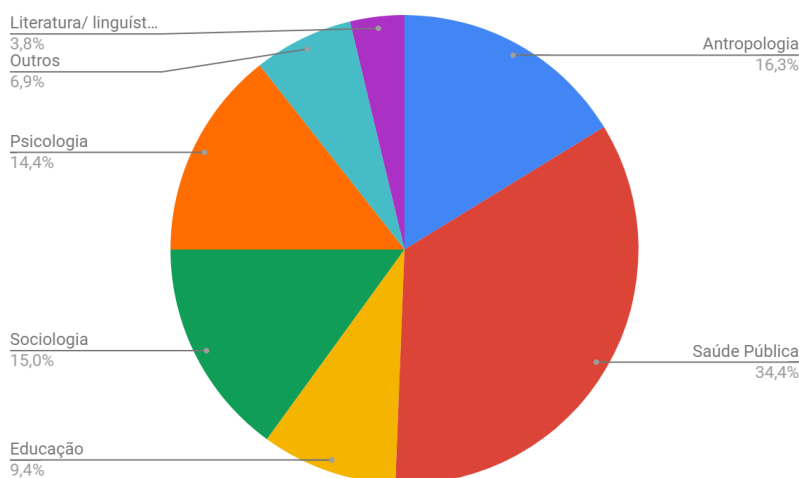
- identidades masculinas (30%);
- masculinidade e violência (18%);

- saúde dos homens (16%);
- afetos e sexualidades (14%);
- reflexões epistemológicas (14%);
- representações e produções culturais (6%);
- espaços de homosociabilidade (2%).

Na revisão que realizamos, apenas em relação à literatura brasileira, a temática das *identidades masculinas*, responsável por 31,9% da produção, seguiu patamar muito semelhante ao apresentado por Vigoya (2018). Também em relação às pesquisas sobre *afetos e sexualidades e espaços de homosociabilidade* foi observado o mesmo padrão de representação, na medida em que, no caso da presente pesquisa, a primeira temática correspondeu a 11,3% dos trabalhos e a segunda, à 1,3% do conjunto total.

As demais categorias, contudo, não seguiram o padrão latino-americano, indican-

Gráfico 1. Representativa das áreas de conhecimento em relação ao conjunto total de artigos analisados.

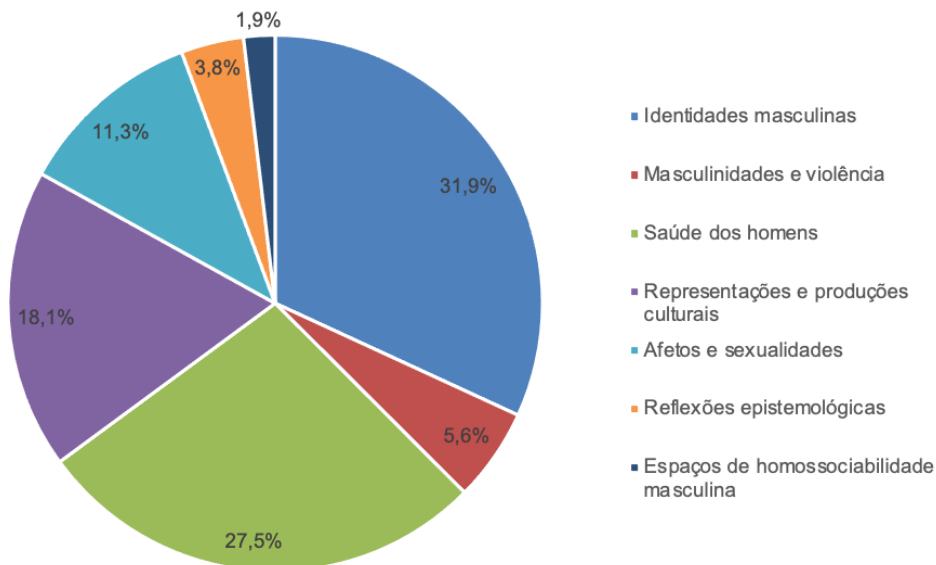


do importantes particularidades da produção brasileira sobre o tema. Uma primeira surpresa diz respeito aos estudos que vinculam as *masculinidades à violência*. Esperávamos que esse assunto tivesse representatividade importante no conjunto de trabalhos brasileiros, dada a relevância dos estudos sobre violência urbana no país. Entretanto, essa categoria representou apenas 5,6% do total de pesquisas, muito abaixo dos 18% encontrados por Vigoya (2018, p. 67). Já em relação às pesquisas sobre a *saúde dos homens*, o percentual foi bastante expressivo (26,9%), o que tem relação com a representatividade da saúde pública na análise das áreas de conhecimento dos artigos, em que pese o conjunto de artigos dessa área ser ainda maior, evidenciando que as pesquisas desse campo abordam assuntos outros que não apenas a saúde.

Outro achado não esperado da pesquisa diz respeito à temática das *representações e produções culturais* sobre homens e mas-

culinidades. Na análise de Vigoya (2018), esse conjunto representava apenas 6% do número total de trabalhos, enquanto a presente revisão bibliográfica encontrou um total de 18,1% de artigos identificados por essa temática. Em contrapartida, enquanto as *reflexões epistemológicas* aparecem de forma significativa nos trabalhos da América Latina (14%), encontramos, no Brasil, apenas 3,8% de artigos passíveis de serem enquadrados nesse item. A pouca produção teórica nacional a respeito das masculinidades é uma questão importante que será tratada em tópico seguinte. De qualquer modo, o resultado parece confirmar o que Vigoya (2018) concluiu na sua pesquisa: a produção “nossaamericana” ainda está muito marcada por ser exportadora de matéria-prima de conhecimento e importadora de paradigmas interpretadores dessas matérias-primas (VIGOYA, 2018, p. 98) (Gráfico 2).

Gráfico 2. Categorias propostas por Vigoya (2018).



Ano

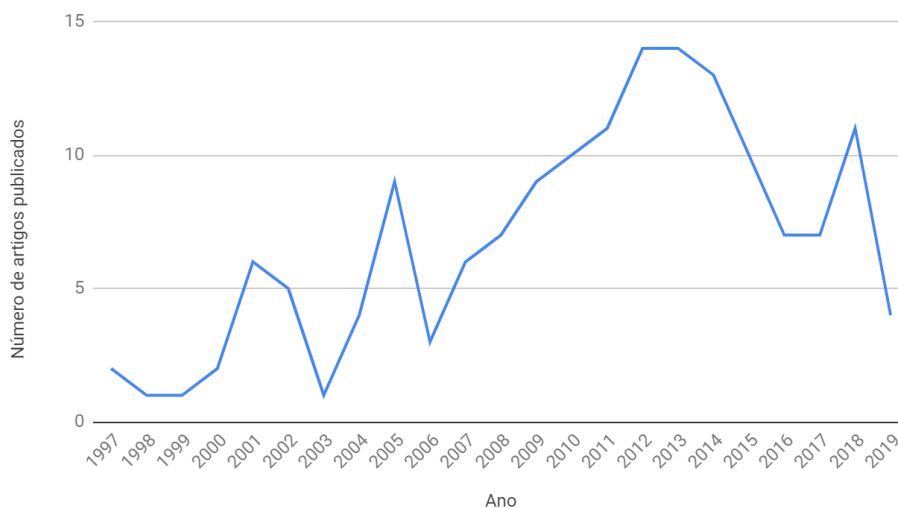
Em relação ao ano das produções, pode-se notar aumento significativo a partir dos anos 2000, especialmente 2010, 2011 e 2012. De forma geral, identifica-se o período dos anos 1980 como crucial no aumento de produção acadêmica na área de estudos de gênero no Brasil (HEILBORN; SORJ, 1999). Entretanto, conforme o gráfico produzido, quando se trata de estudos sobre a masculinidade, o início da produção acadêmica ocorre apenas 10 anos depois. Esse diagnóstico é condizente com as reflexões de Heilborn e Sorj (1999) sobre os estudos de gênero no Brasil, quando as autoras identificam o interesse pelo estudo das masculinidades em artigo inaugural sobre o tema na *Revista Estudos Feministas* no ano de 1998. Assim, a escassez de estudos identificados por Vigoya (2018) é condizente com o surgimento recente de pesquisas sobre a temática.

O aumento na produção de estudos de temas das masculinidades também pode ser compreendido em relação ao contexto nacional político. Primeiro, considerando-se os movimentos antifeminismo e conservadores que emergiram nos últimos anos (MESSENBURG, 2017), evidenciou-se o papel do masculino na construção das relações sociais. Conjuntamente, conforme alertam Piniheiro-Machado e Scalco (2018), a própria emergência do fenômeno do bolsonarismo pode ser articulada com o imaginário do masculino no poder. Dessa forma, faz sentido que se mantenha o incremento na produção de estudos sobre as masculinidades que se identificou no Gráfico 3.

Revistas

As revistas com maior publicação de artigos são aquelas voltadas para estudos de gênero, abrangendo uma série de disciplinas.

Gráfico 3. Ano de produção dos artigos.



Nesse sentido, as revistas *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas* publicaram, respectivamente, 12,2 (19) e 9,4% (15) dos estudos sobre o tema. As duas publicações científicas podem ser identificadas como voltadas especificamente para a promoção de estudos de gênero sob uma perspectiva interdisciplinar. Da mesma forma, as duas revistas apresentam uma longa trajetória nessa área de pesquisa.

A revista *Cadernos Pagu* é vinculada ao Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas. A institucionalização da *Pagu* como Núcleo ocorreu em 1993 e foi o resultado do trabalho de pesquisadores de campos disciplinares distintos que buscavam dialogar com as teorias de gênero. A *Revista Estudos Feministas* também é caracterizada como interdisciplinar e também foi fundada na década de 1990. Interessante a reflexão proposta por Miriam Pillar Grossi (2004) sobre qual seria o enfoque da revista: seriam estudos sobre as mulheres? Estudos de gênero? A autora propõe que a *Estudos Feministas* é uma revista do campo brasileiro de estudos sobre mulheres, de gênero e feministas. Nesse sentido, ao aparecer como a segunda revista com mais publicações sobre masculinidades, reconhece-se que a *Estudos Feministas* trata não só de estudos de gênero feminino, mas de gênero de forma relacional.

As publicações de saúde coletiva e saúde pública aparecem na sequência: as revistas *Ciência e Saúde Coletiva* e *Cadernos de Saúde Pública* concentraram, respectivamente, 8,8 (14) e 6,3% (10) dos artigos. Esses dados retomam a discussão proposta por Vigoya (2018) quanto à relevância dos estudos sobre masculinidades na área da saúde pública.

*Análise qualitativa:
entre conceitos, tipos e referências*

A análise qualitativa de artigos da área da sociologia pretendeu explorar de que for-

ma as masculinidades são estudadas como objetos sociológicos. Dos 25 artigos inicialmente classificados como sendo dessa área, 4 foram posteriormente excluídos por não tratarem de estudos sobre masculinidades. A análise então é do conjunto de 21 artigos. A análise mais aprofundada aqui proposta permite uma comparação não apenas com as categorias propostas por Vigoya (2018), mas uma comparação entre os próprios artigos e suas formas de articular as masculinidades. Por fim, para essa análise, são considerados três principais elementos:

- o conceito de masculinidade adotado;
- os tipos de masculinidades analisada;
- as referências adotadas.

Os três elementos foram propostos de forma dedutiva por meio da revisão bibliográfica e do próprio questionamento de pesquisa proposto a ser respondido.

Os conceitos de masculinidades

Os artigos analisados articularam, em sua maioria, o conceito de masculinidade por meio de quatro principais formas de manipular o conceito, sendo que as últimas três são, em verdade, decorrência lógica da primeira. A primeira forma é o apontamento do conceito de masculinidade como uma construção social alocada dentro das relações de gênero. Assim, o conceito de masculinidade aparece em consonância com a própria conceituação de gênero pautada por Scott (1995) e amplamente utilizada nos estudos de gênero. Dessa forma, ainda que os estudos sobre masculinidades representem uma parcela minoritária nos estudos de gênero, eles articulam o mesmo pressuposto epistemológico.

A conceituação da masculinidade como construção social permitiu que as análises

propostas nos estudos utilizassem um desenho de pesquisa que buscava justamente mapear essas construções. Como consequência, os indicadores do conceito de masculinidade utilizados nas pesquisas eram oriundos do próprio campo empírico. Dessa forma, como proposto no estudo de Flávia Biroli (2010), a maioria dos artigos adotou uma perspectiva em que as masculinidades não são analisadas por meio de uma formulação cultural mais ampla e com relações em um nível macro, mas são estudadas como fruto de interações locais.

Os estudos, dessa forma, utilizaram diferentes processos e interações sociais para analisar as masculinidades e propor, com os dados, os indicadores dessas. Por meio, por exemplo, da observação de gestos e do uso do próprio corpo (VIANNA; FINCO, 2009), constrói-se uma linguagem gestual da masculinidade em um dado contexto. Ou, ainda, pela análise sociológica da transformação da masculinidade nas práticas rituais, compreende-se como a masculinidade de uma tribo funciona, como ela é construída e modificada (LIPSET, 2009). Sendo assim, os artigos mostraram uma relação essencial entre o contexto e as masculinidades ali construídas, propondo não a utilização de uma categoria dada e com características prévias, mas a observação da construção dessa categoria dentro do tecido social (BRAZ, 2007; MOTTA, 2008; COSTA, 2008; SOUZA, 2010; ADELMAN; FRANCO; PIRES, 2015; MARTÍNEZ-MORENO, 2018). Entretanto, a utilização do conceito por meio de achados majoritariamente empíricos revelou a necessidade de reflexões que buscassem relacionar as masculinidades locais estudadas e o plano macro de construção das relações de gênero.

Uma terceira forma de utilização do conceito é a ideia de masculinidade relacionada

a indicadores de virilidade, poder e prestígio (GUERRIERO; AYRES; HEARST, 2002; CARVALHO, 2004; TORRÃO FILHO, 2005). Nesse sentido, os artigos partem de uma associação prévia entre, por exemplo, símbolos de ascensão social e profissional, como carros, prestígio e poder, e expressão do lado masculino. A questão é que tal conceituação não é descrita como um tipo de masculinidade, entendida, muitas vezes, como hegemônica (*cf.* CONNELL, 1995) ou como a representação cultural da masculinidade ideal (*cf.* KIMMEL, 1996). Com isso, ao utilizar a definição da masculinidade como, por exemplo, expressão de uma sexualidade masculina indomável, sem alertar para as nuances entre as múltiplas masculinidades, perde-se a possibilidade de incrementar a análise realizada.

Por fim, a última forma de conceituação das masculinidades foi identificada por meio do uso de teorias de macro ou médio alcance sobre o tema. Dentro dessas teorias maiores, identificou-se a relação entre o processo civilizatório de Norbert Elias, o conceito de etos guerreiro e as práticas da masculinidade violentas no estudo de Alba Zaluar (2009a). Ainda, verificou-se o conceito de “masculinidade hegemônica”, proposto por Raewyn Connell (2013), enfatizando uma hierarquia entre masculinidades e como elas eclodem de forma diferente, considerando-se os papéis sociais e o contexto no qual ela é exercida (BIROLI, 2010; MARTÍNEZ-MORENO, 2018).

Os tipos de masculinidade

A segunda categoria observada na análise qualitativa diz respeito aos tipos de masculinidades estudadas nos trabalhos, buscando compreender quais são os grupos sociais alvo das pesquisas empíricas, quais

são os *locais* em que mais frequentemente se realiza o campo das investigações e como isso acaba refletindo nos resultados encontrados. A ideia era, portanto, mapear quais homens estão sendo retratados nas pesquisas sobre masculinidades no Brasil. No que se pode observar, uma primeira distinção diz respeito ao local do campo e aos sujeitos entrevistados na busca pela compreensão da masculinidade. Em alguns casos, não necessariamente há concomitância entre esses dois pontos, como, por exemplo, no estudo sobre as educadoras infantis e suas práticas com meninos e meninas, em que elas são os sujeitos entrevistados, mas busca-se entender a construção da masculinidade dos meninos que estão sob sua tutela (SILVA; LUZ, 2010).

Assim como no trabalho de Silva e Luz (2010), outros artigos abordaram a masculinidade na infância (VIANNA; FINCO, 2009; CARVALHO, 2004), havendo recortes específicos, como, por exemplo, no trabalho de Carvalho (2004), em que se coloca especial ênfase aos processos de categorização racial no ambiente escolar em um trabalho de intersecção entre os significados de pertencimento à raça negra, masculinidade e problemas escolares. No mapeamento, também se destacaram trabalhos que abordam a construção da masculinidade durante a juventude, sendo que nesse conjunto de pesquisas se sobressaíram investigações voltadas aos jovens periféricos ou trabalhadores subalternos (DAMICO; MEYER, 2010; MARTÍNEZ-MORENO, 2018; COSTA, 2008).

As masculinidades hegemônicas também foram destaque entre os artigos analisados (CONNELL, 2013; RIBEIRO; RUSSO, 2014; MONTEIRO, 2001; ADELMAN; FRANCO; PIRES, 2015), sobretudo no que se refere a pesquisas sobre

os chamados “homens de negócio” ou “executivos”. Sendo esse um modelo masculino valorizado, identificamos que em dois casos os pesquisadores se voltaram às edições de revistas masculinas para realizar suas análises, como no caso da pesquisa de Ribeiro e Russo (2014), sobre os editoriais da *Men's Health*, e no trabalho de Monteiro (2001), em que a revista *VIP Exame* constituiu-se como objeto de análise do valor do corpo para a masculinidade “bem-sucedida” da classe alta.

Ainda em relação ao que se poderia chamar de masculinidade hegemônica, as pesquisas sobre as práticas de gênero de homens heterossexuais passam por reflexões mais teóricas (TORRÃO FILHO, 2005), bem como destacam as relações entre masculinidade e vulnerabilidade para o contágio de HIV (GUERRIERO; AYRES; HEARST, 2002), estratégias para prevenção do vírus entre homens casados (MEIRELES DA SILVA, 2002) e justificativas encontradas por homens que procuram tratamento para a esterilidade (COSTA, 2002). Assim, nesse conjunto, percebe-se uma proeminência de pesquisas que abordam a saúde do homem, sobretudo nas intersecções com questões próprias da sexualidade, como a exposição aos riscos a que se submetem homens casados que entendem as relações extraconjugais como algo que faz parte da sua realidade e os dilemas enfrentados pelos homens estéreis que colocam a culpa da esterilidade em suas parceiras, de modo a preservar a sua própria imagem de homem provedor familiar.

Por fim, a sexualidade também foi tema de pesquisa sobre práticas homoeróticas ocorridas em espaços de sexo casual em que discursos valorativos da masculinidade são encarnados na valorização do “macho” que permeia esse universo de

práticas sexuais (BRAZ, 2007). Diante do exposto, o que se pode perceber em relação aos tipos de masculinidades explorados no conjunto de pesquisas brasileiras sobre o tema é, em primeiro lugar, uma importante diversidade dos grupos sociais que são alvo das investigações. Do “campeiro” ao jovem periférico, os trabalhos abarcam uma gama diversificada de tipos sociais masculinos, tecendo suas considerações a respeito desses grupos e, assim, auxiliando a construção de uma compreensão mais abrangente do tema.

Por outro lado, o que também nos chamou a atenção foi a ausência de trabalhos que busquem a comparação entre esses distintos sujeitos, na medida em que os trabalhos optaram sempre por compreender a construção da masculinidade dos homens a partir do seu próprio contexto, sem realizar paralelos e confrontações com outros grupos de indivíduos (homens ou não). Assim, não parece haver esforço em criar conceitos intracategoriais que possibilitem análises mais abrangentes, ainda que possa ser entendido como positivo o fato de que quase a totalidade dos artigos analisados tenha se preocupado em especificar o tipo de masculinidade que pretendia analisar, estabelecendo limites para as suas conclusões e demonstrando um rigor científico importante para os estudos nas ciências humanas.

Referências

Como já explicitado nos itens iniciais, as referências utilizadas pelos pesquisadores em seus trabalhos também constituíram o objeto de análise deste artigo. Nossa intenção era identificar quais foram as principais

referências utilizadas nos estudos sobre masculinidade no Brasil, observando se a partir desse conjunto de bibliografias há alguma pista a respeito de qual é o entendimento mais geral do tema. Os resultados encontrados caminham em duas direções: ampla gama de autores e recorrência de alguns teóricos específicos.

Em relação à primeira constatação, identificamos que diversos estudos locais de pequeno e médio alcance servem como fundamentação para os artigos, sobretudo aqueles que dialogam com as temáticas específicas abordadas. Assim, por exemplo, na pesquisa de Silva e Luz (2010), sobre as educadoras e os meninos da educação infantil, todas as referências que tangenciam a temática da masculinidade e do gênero de modo mais amplo são abordagens específicas do campo da educação. O mesmo acontece no artigo de Guerriero, Ayres e Hearst (2002), sobre masculinidade e vulnerabilidade ao contágio do HIV, em que os autores se apoiam apenas em referências específicas sobre o tema que abordam.

Entretanto, os demais artigos analisados constatamos o uso de pelo menos alguma bibliografia própria dos estudos sobre masculinidade, com variações em relação à intensidade desse apoio e a quais autores foram utilizados. No conjunto de artigos analisados, os trabalhos de Connell (2013), Almeida (2000), Messerschmidt (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005)², Cecchetto (2004), Kimmel (1996), Welzer-Lang (2001) e Scott (1995; 2012) foram os que mais apareceram nas citações dos artigos, o que acreditamos ser um indicativo de quem são as referências mundiais nas pesquisas sobre as masculinidades. Dos

2 Os trabalhos de Messerschmidt citados são em conjunto com Connell.

autores, apenas Fátima Cecchetto, brasileira, e Raewyn Connell, australiana, não são do chamado “norte global” (Europa e Estados Unidos), o que demonstra a persistência das teorias do norte no embasamento de pesquisas empíricas do sul, conforme a própria Connell (2016) afirma.

O conjunto dos 7 autores está presente em 66,7% dos artigos, isto é, pelo menos um desses autores aparece em 2/3 do total de trabalhos analisados. Algumas referências, contudo, são mais presentes do que outras. A autora Raewyn Connell é seguramente a teórica mais citada: 28% dos artigos fazem referência a ela. Após, o antropólogo português Miguel Vale de Almeida (2000) aparece em 4 trabalhos (16% do total). Em seguida, James Messerschmidt (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005), Fátima Cecchetto (2004) e Michel Kimmel (1996) estão, cada um, presentes em 12% do conjunto analisado. Por fim, Daniel Welzer-Lang (2001) e Joan Scott (1995; 2012) aparecem em 2 artigos cada um (Gráfico 4).

A análise realizada levou em conta apenas o uso, ou não, dos autores como referência bibliográfica, sem que se tenha averiguado a relevância desses autores para o desenvolvimento das pesquisas, nem mesmo quais ou quantas obras de cada teórico foram utilizadas. Em todo caso, essa primeira análise, além de indicar quem são atualmente as principais referências teóricas operacionalizadas pelos estudos das masculinidades no Brasil, permite colocar em questão se há efetivamente uma consolidação teórica no campo, tendo em vista a diversidade de autores evocados nas pesquisas e o uso de teóricos que não abordam especificamente (ou, ao menos, não de maneira aprofundada) a temática das masculinidades em suas produções.

Considerações finais

O presente artigo buscou realizar um balanço das produções sobre as masculinidades nas ciências sociais brasileiras. Essa análise dos artigos permitiu afastar certas hipóteses a respeito dos estudos das masculinidades nas ciências humanas brasileiras. A primeira delas diz respeito aos tipos de masculinidades abordados pelas pesquisas, sobretudo durante o campo empírico. Assim, ao contrário do que já se afirmou sobre o modelo hegemônico de masculinidade no Brasil ser vinculado ao exercício da agressividade (GROSSI, 2004, p. 6), nossos resultados apontaram para maior presença de estudos a respeito de masculinidades hegemônicas não associadas à violência.

A relevância da saúde coletiva nas áreas temáticas dos artigos também foi um achado importante, mesmo que a distribuição do restante da produção tenha demonstrado o quanto o assunto ainda se constitui de forma bastante interdisciplinar, não tendo sido “cooptado” por nenhuma das disciplinas específicas das ciências sociais. Ainda em relação às áreas temáticas, percebemos a inexistência de um campo próprio de estudos das masculinidades, diferentemente do que ocorre nos estudos de gênero, por exemplo, que já se autoidentificam como um campo de pesquisa específico (HEILBORN; SORJ, 1999), restando questionar se os estudos de gênero abarcam, ou não, os trabalhos aqui analisados.

Outro indicativo de que inexistente um campo de estudos estabelecidos é a observação de que a vasta maioria das pesquisas analisadas acaba preferindo utilizar referências endógenas, isto é, próprias das suas disciplinas. Essa opção teórica acaba refletindo nas análises produzidas, as quais se distanciam das reflexões relacionais com outras

produções sobre masculinidades, além de restringir o debate aos interlocutores das suas próprias áreas de estudo. Essa constatação foi bastante evidente nos artigos da área da saúde.

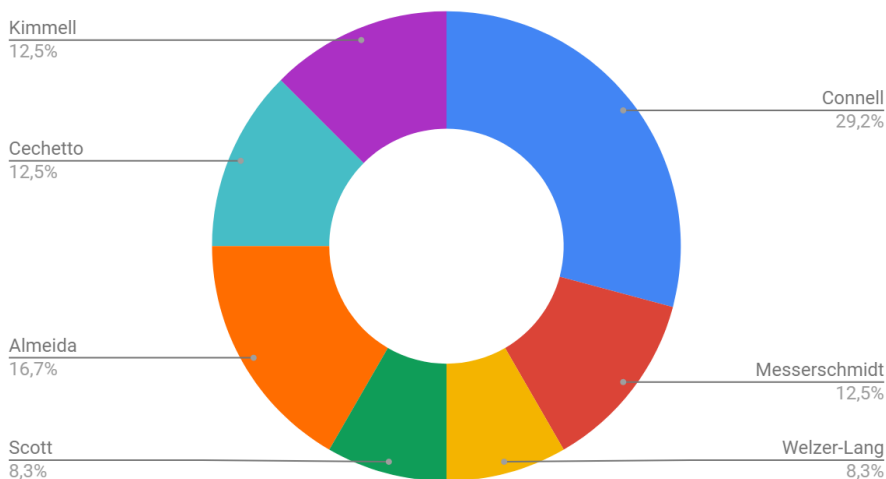
Outro achado interessante diz respeito a como os autores apresentam o que entendem por masculinidades — o que chamamos de “conceito de masculinidade” no presente trabalho. A grande parte dos artigos centraliza sua análise na pesquisa empírica, baseando suas análises mais nos achados do campo e na descrição de como essas masculinidades se comportam nos contextos observados do que em uma produção que parta de construções teóricas prévias definidoras da masculinidade. A preferência por esse tipo de análise pode significar que o campo de estudos se encontra na primeira fase de desenvolvimento, cuja perspec-

tiva analítica se dá por meio da *tipificação* das masculinidades existentes, as quais são constituídas pelos comportamentos dos sujeitos homens normalmente observados.

Se, por um lado, esse tipo de análise mais descritiva pode significar acúmulo importante de material empírico sobre as práticas de gênero dos homens nos mais diversos contextos brasileiros, rompendo-se com uma ideia de masculinidade única, por outro, a quase inexistência de trabalhos que busquem construir comparações entre as manifestações das diferentes masculinidades acaba restringindo a extensão dos resultados das pesquisas. Isso porque o que normalmente se espera de pesquisas sociológicas é justamente a articulação entre os achados empíricos e as possibilidades analíticas, ou seja, o equacionamento local-global, micro-macro que permite transcender

Gráfico 4. Principais referências teóricas (total de 21 artigos da sociologia).

Principais Referências Teóricas



o caso concreto para níveis mais generalizantes. Pensa-se, assim, em uma sociologia como disciplina cada vez mais voltada às teorias de médio e micro alcance, isto é, como ciência empírica cuja prática pressupõe o campo de pesquisa e o encontro com os sujeitos sociais para conformar suas análises (VANDENBERGHE; VÉRAN, 2016, p. 11).

Uma das nossas conclusões, portanto, é a ausência de trabalhos que busquem construir entendimentos mais dialógicos entre os tipos de masculinidades brasileiros considerados hegemônicos e marginalizados, procurando perceber suas aproximações e seus afastamentos. Conforme propõem Connell e Messerschmidt (2005, p. 852), enquadrar certos padrões de práticas de gênero como hegemônicos ou marginalizados pressupõe considerar que masculinidades são configurações de práticas construídas, passíveis de mudança. Ainda assim, seria possível compreender a masculinidade hegemônica como o padrão de práticas que permite a dominação contínua dos homens em relação às mulheres e que incorpora a forma correntemente mais honrosa de ser um homem, requerendo que os demais padrões — marginalizados, subalternos — tenham de se posicionar na relação com o padrão hegemônico (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2005, p. 832).

No caso da presente pesquisa, mesmo os estudos que buscam compreender as construções subjetivas dos homens acabam deixando de lado as percepções femininas sobre as práticas desses sujeitos. Essa observação se coaduna às críticas realizadas por Medrado

e Lyra (2008) a respeito de investigações sobre masculinidades que buscam seu material empírico apenas nas trajetórias e experiências narradas pelos homens. O que os autores defendem, portanto, é a realização de pesquisas que também façam alusão aos argumentos, aos depoimentos ou às narrativas de mulheres.

O *corpus* da presente pesquisa nos permite tecer duas derradeiras considerações. A primeira delas é a observação de uma preferência por estudos de masculinidades hegemônicas urbanas, conforme afirmamos no início desta conclusão. Experiências do gênero masculino no meio rural, portanto, foram pouco trabalhadas, apesar da importância política no país do que se costuma denominar como “latifundiários” e da vinculação aparente entre suas práticas e uma ideia de dominação masculina, tanto nas relações do campo próprio da política como nas interações intersubjetivas entre os sujeitos, sejam homens ou mulheres.

Por fim, sentimos a ausência de análises mais profundas a respeito da construção da masculinidade por meio da interação dinâmica com fatores como raça e classe, o que, pensamos, possibilitaria compreensões mais complexas e fluidas. A partir dessas constatações, portanto, pensamos haver indicativos suficientes a sustentar a importância de desenvolver uma agenda de pesquisas própria do campo das masculinidades orientada por uma compreensão menos compartimentada sobre os homens e mais voltada aos processos ambíguos e complexos das práticas de gênero das masculinidades brasileiras.

Referências

- ADELMAN, M.; FRANCO, C. B.; PIRES, A. F. Intersected ruralities: “Campeiro” youth and narratives of self and other in social media. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 141-170, jun. 2015. <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440141>

- ADRIÃO, K. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 1, n. 3, p. 9-20, 2005. <https://doi.org/10.3895/cgt.v1n3.6135>
- ALMEIDA, M. V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições, 2010.
- BIROLI, F. Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 269-299, jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100011>
- BRAZ, C. A. Macho *versus* Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 175-206, jun. 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100009>
- CARVALHO, M. P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 247-290, jun. 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100010>
- CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- CONNELL, R. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 40, p. 322-344, jun. 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000100010>
- CONNELL, R. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender and Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005. <https://doi.org/10.1177%2F0891243205278639>
- CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Caderno Pagu**, n. 16, p. 13-30, 2001.
- COSTA, P. T. M. A construção da masculinidade e a banalidade do mal: outros aspectos do trabalho escravo contemporâneo. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 173-198, dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200009>
- COSTA, R. G. Sonho do passado versus plano para o futuro: gênero e representações acerca da esterilidade e do desejo por filhos. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 105-130, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100004>
- DAMICO, J. G. S.; MEYER, D. E. E. Constituição de masculinidades juvenis em contextos “difíceis”: vivências de jovens de periferia na França. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 143-178, jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100007>
- GROSSI, M. P. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos uma breve história do feminismo no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. esp., p. 211-221, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300023>
- GUERRIERO, I.; AYRES, J. R. C. M.; HEARST, N. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, supl., p. 50-60, ago. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000500008>
- HEILBORN, M. L.; CARRARA, S. Em cena, os homens... **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 1998. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**: ANPOCS/CAPES. São Paulo: Sumaré, 1999. p. 183-221.

- KIMMEL, M. **Manhood in America: a cultural history**. Nova York: Free Press, 1996.
- KIMMEL, M.; HEARN, J.; CONNELL, R. **Handbook of studies on men & masculinities**. Nova York: Sage, 2004.
- LIPSET, D. O que faz um homem? Relendo *Naven* e *The Gender of the Gift*. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 57-81, dez. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200003>
- LOURENÇO, L. C.; ALVAREZ, M. C. Estudos sobre prisão: um balanço do estado da arte nas ciências sociais nos últimos vinte anos no Brasil (1997-2017). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 84, p. 216-236, 2017. <https://doi.org/10.17666/bib8407/2018>
- LYRA, D. **A República dos Meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013.
- MARTÍNEZ-MORENO, M. J. *Neros, muchachos* e novos homens. Cultura, violência e reciprocidade na problematização da masculinidade. **Cadernos Pagu**, n. 54, e185413, nov. 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800540013>
- MCDOWELL, L. **Redundant masculinities? Employment change and white working class youth**. Londres: Blackwell, 2003.
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>
- MEIRELES DA SILVA, C. G. O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, supl., p. 40-49, ago. 2002. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000500007>
- MENEGHINI, R. Visibilidade internacional da produção brasileira em saúde coletiva (Editorial). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 6, p. 1058-1059, jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000600001>
- MESSEBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 621-648, 2017. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>
- MONTEIRO, M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 235-266, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100011>
- MOTTA, F. M. Curió Valente: representações de gênero em competições de pássaros canoros. **Cadernos Pagu**, n. 30, p. 199-229, jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000100013>
- PIMENTA, M. Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 3, p. 701-730, 2014.
- PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos Ihu Idéias**, v. 16, p. 3-15, 2018.
- RIBEIRO, C. R.; RUSSO, J. Negociando com os leitores: o “novo” e o “antigo” homem nos editoriais da revista Men's Health. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 477-511, jun. 2014. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420477>
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SCOTT, J. W. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 45, p. 327-351, dez. 2012.

- SILVA, I. O.; LUZ, I. R. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 17-39, jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100003>
- SOUZA, R. Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”. **Cadernos Pagu**, n. 34, p. 107-142, jun. 2010. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100006>
- TEIXEIRA, A. N. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. 240f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 127-152, jun. 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100007>
- VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J.-F. **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, dez. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200010>
- VIGOYA, M. V. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Belo Horizonte: Papéis Selvagens, 2018.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- ZALUAR, A. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 71, p. 9-24, out. 2009a. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000300002>
- ZALUAR, A. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan; Ed. UFRJ, 1994.
- ZALUAR, A. Do dinheiro e dos homens no tráfico de drogas. *In*: WESTPHAL, M. F.; BYDŁOWSKI, C. (Org.). **Violência e Juventude**. São Paulo: Hucitec, 2009b. v. 1. p. 162-194.

Resumo

As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos

O presente trabalho objetivou analisar a produção científica brasileira sobre o tema das masculinidades na área de ciências humanas, com especial ênfase na área da Sociologia. Para tanto, utilizamos como base de consulta a plataforma *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), a fim de mapear os artigos sobre o tema, totalizando 165 artigos. Primeiro, foi realizada uma análise geral, considerando-se o ano das publicações, as revistas que publicaram e as áreas temáticas. Em seguida, uma análise sistemática aprofundada dos artigos catalogados apenas na área da sociologia. Nesse tópico, foi realizada uma sistematização em relação ao conceito de masculinidades, aos tipos de masculinidades e, ainda, às referências bibliográficas. Os resultados demonstram crescimento nas pesquisas brasileiras sobre o tema, ainda que seja um tópico que careça de sistematização dos referenciais teórico-metodológicos, o que poderia significar aperfeiçoamento de pesquisas no futuro.

Palavras-chave: Masculinidades; Estudos de gênero; Balanço bibliográfico.

Abstract

Masculinities in a Brazilian way: a literature review on this topic in scientific journals

This paper aims to analyze Brazilian scientific papers about the theme of masculinities in the field of Human Sciences, more specifically Sociology. To this end, we used the scientific repository Scielo to search articles addressing it, totalizing 165 items. First, we conducted an overall analysis, focusing on general information such as year of publication, journal where they were published, and field of knowledge of the publications. Then, we performed a deep systematic analysis of papers registered under the field of Sociology, looking for the concepts of masculinities, types of masculinities and bibliographical references. This paper shows how the research on masculinities is growing, even though it is a topic that lacks a systematic conceptual and methodological framework to improve future studies.

Keywords: Masculinities; Gender studies; Literature review.

Résumé

Les masculinités brésiliennes : un aperçu des productions sur le sujet dans les revues scientifiques

Cet article vise à analyser la production scientifique brésilienne sur le thème des masculinités dans le domaine des sciences humaines, plus précisément dans le domaine de la sociologie. Pour cela, nous avons utilisé la plateforme Scielo comme base de consultation afin de cartographier les articles sur le sujet, totalisant 165 articles. Tout d'abord, nous avons fait une analyse générale, en tenant compte l'année de la publication, les revues et les domaines thématiques. Puis nous avons mené une analyse systématique approfondie des articles catalogués uniquement dans le domaine de la sociologie. Ensuite, une systématisation du concept de la masculinité, des types de masculinités et, encore, des références bibliographiques a été mise en place. Les résultats démontrent la croissance des recherches brésiliennes concernant le thème des masculinités, même en s'agissant d'un sujet qui manque de systématisation des références théorico-méthodologiques, ce qui pourrait permettre d'améliorer la recherche à l'avenir.

Mots-clés : Masculinités ; Etudes de genre ; Révision de la littérature.